

AIMBERÊ BOTELHO DO AMARAL

O RÉPTIL NO ARMÁRIO

1ª edição

Amaral, Aimberê Botelho do
Fortaleza, Clube de Autores 2018

ISBN 978-85-915542-7-0

Clube de Autores

Ilustração de Capa Romulo Alves

aimberek@ufc.br

Fortaleza

Edição do autor

2018

Para Tânia e Tito Lívio

Para Lucineide e Serafim

Para Júlia, Giovanna e Gabriel

Prefácio	9
Arquétipo da Sombra	12
Dança com Palavras	15
Corpus Christi	17
Céu de Outono no Sertão	19
Clara História	21
Chuva Vista da Janela	22
Che	24
Carnaval	26
Canção da Independência	27
Cadeia Alimentar	30
Boca de Melancia	33
Bob Dylan é Poesia	35
Biografia	36
Balada da Periferia	38
Rochas	41
Nas Ondas do Infinito	43
Professoras	45
Bicho Escamoso	48
Teje Solto	50

Cavalos	51
Minha Noite de Festa que Não Houve	54
Dor Campestre	57
Realização pela Dança	58
Reis	60
San Junipero	62
Noite de São João	64
Travessia	65
Spermatozoa	68
Sexta-Feira	70
Ano Novo I	71
Os Calos da Morte	72
Fernanda, Fernandinha	73
Tesoura e Corte	75
Natal	78
Compasso Fechando o Círculo	80
Redenção	82
Aningapara	88
O Rei Manco	90
Suassuna	93

Poema sem Vergonha na Cara	94
Ano Novo II	96
O Bolo	98
Terra Desolada	99
Qual é Mesmo o Sentido da Vida?	102
Retrato de uma Paixão	106
Festa dos Peixes	108
Crueldade	109
Tempestade de Hormônios	110
Desejos	111
Couros e Ferros Reluzentes	114
O Corcunda e a Dama	118
Cheio de Dedos	121
Carnaval Freudiano	125
Baile de Máscaras	127
A Sedução de Anna	130
Azeitona	135
A Copa	138
A Cor do Brasil	139
Feito e Desfeito no Salão	142

O Último Guerreiro	143
Paixão e Páscoa	145
Apelo Selvagem	147
Rastejando aos Pés de Zé Limeira	150
Canto de Propiciação	152
De Asas e Justiça	168
Razão de Amar	170
Quinhentos Anos de Espera	172
Belchior	175
Ano Novo III	177
Onde a Mulher Mijou	179
Pitangueira	182
Outono no Sertão	183
O Retorno do Serafim	186
No Gado Bravo	190
Noite dos Namorados	192
Mandacaru	194
Judas	196
Artistas	198
Iemanjá	200

Histórias do Sertão	202
Histórias do Mucuripe	205
Ferreira Gullar	207
Chuva	210
Eterno Feminino	212
Elusivo Existir	215
Liberdade	217
Dia de São José	219
Dia de Protesto	220
Dia das Mães	222
Dançando para a Vida	224
Crônica da Cidade	228

Prefácio

A poesia contemporânea nos surpreende apesar de sua forma clássica nos remeter a um padrão aparentemente fácil de se escrever, porém se torna complexa e profunda quando percebemos sua qualidade e inovação...para dizer que o novo sempre vem, o lirismo atravessa o tempo com criatividade de seus versos, nos oferecendo por aí, o que sonhamos...o sublime na espreita com a melodia, muitas vezes fazendo a canção, mas que por si só, já tem sonoridade e nos remete aonde não conseguimos chegar com as próprias pernas, mas com alma navegamos pelo real e surreal. Esta coletânea nos traz

uma leitura ao clássico, ao inventivo, por vezes o ideal de uma geração, que luta por civilidade, uma revolução, que bem se sabe ...um desafio, e no meio de seus versos o novo não fica ausente é muito bem reproduzido, além de um vocabulário vasto e expressões de quem muito bem conhece a língua portuguesa.

Este livro faz sua história perpassando pelos sentimentos próprios de nossa existência, o riso, a tristeza, o amor, o desamor, a irreverência, a covardia... Enfim vai se “norteando” subindo as paredes pelo desejo do sublime vazando perplexidade pela natureza do questionamento humano...Afinal

escrever para quem? Para você leitor, que encontra o que somente você procura e que a arte de escrever pode te iluminar. E que seja: lírico, narrativo ou dramático, temos que acreditar valerá a pena, e neste caso, poesias – lirismo...vale a pena, eia!

Omar Botelho do Amaral

Arquétipo da Sombra

Como sombra, desconfiado e tribal,
Existe este outro que me espreita,
Personagem deserdado que se esconde
No quarto escuro de meu inconsciente.

Um cão sem a fidelidade do animal,
Nem a graça que tanto o anima,
Me segue e reclama para si o meu cuidado,
Monstro de egoísmo, engolidor de gente.

Na luta de seu querer quando o ignoro,
Eis que me aparece em sombra a figura
Com que se traveste cheio de malícia
E contra a qual à noite vocifero.

Sem alcançá-lo, em vão eu quase choro
E cato no léxico de ofensas e abusos,
Escatológicas, sexuais, religiosas,
O que posso em maldições e vitupérios.

Alienígena ameaçador, a face fugidia,
Imediatamente desconfio do silêncio
E de sua origem advinda de arquétipos
Como o inimigo, o predador, o deus da guerra.

Configuração do mal que tanta dor encerra,
Que deseja criar em mim sua caverna,
O ódio xenofóbico, a rejeição do outro, a
misoginia,
Que sinto até no cheiro daqueles que me
cercam.

Contra ele ergo todas as barreiras,
Oponho-me ao seu ódio da arte e da cultura,
Nascido de repressão e traumas de família,
Até de traços genéticos de tempos imemoriais.

À ignorância deste processo evolutivo me
oponho,
No esforço ingente de querer me tornar
civilizado,
E luto por somar verniz em cima de verniz,
Vencendo o réptil que fui quando ainda
rastejava.

Dança com Palavras

Os livros são assim salões de dança,
Palavras como notas musicais,
Ante tantas damas não me cansa
A graça de beldades lexicais.

Palavras nos trajes os mais faceiros,
Ao xaxado de uma onomatopeia,
Batidas curtas desses pés ligeiros
Que me fazem letrada centopeia.

Ao colo de figuras de linguagem,
Ao sussurro de fonemas me inclino,
Sou a parte de um todo, a imagem,
O sinal pela coisa, meu destino.

Os livros são o puxado do fole,
Ao rigor da gramática do sofrer,
O pé de serra que reclama um gole,
Cana destilada, arte de moer.

A cabeça um cozido de estrela,
Sintaxe de profana criação,
Vida e arte excelsas por querê-la
Do mundo a metáfora que faria
O existir que de todo não podia,
A carecer de justa explicação.

Corpus Christi

Abriu divindade uma gaveta
Onde havia uma estrela
E a pôs, intensa e livre,
No Éden que perdera.

Que saísse de seu brilho
O primado do saber,
A graça da salvação.

No seio dela, porém,
O diretório primeiro,
Amantíssimo coração.

Os mais duros dos metais
Os gases mais explosivos
As cores mais intensas
O máximo que ela tinha
Pois assim ela queria:

Um corpo indestrutível
Cuja beleza se via
Pela força que tivesse
E, se vencesse o mal,
Salvasse o mundo um dia.

Céu de Outono no Sertão

Pincéis desenham um céu,
Um novo céu a cada instante
E assim do pôr do sol
Ao radiante alvorecer.
A terra, um bicho espreguiçado,
Olha o firmamento
Com olhos de verdor
E lentes de oxigênio,
Enquanto nuvens montam,
Sobre o eterno fundo azul,
O painel multifacetário
Pela mão refratária da luz.

Paisagens de enigmas no céu,
Lavado pelas chuvas
Após a tempestade no sertão
Compõem quadros e murais
Onde se vislumbram batalhas,

Naves espigas apontando lanças,
Um pavão misterioso aberto em leque,
Cavalos montados por guerreiros,
Donzelas que se desfazem em mimos
Ao contorno de uma flor.

Um velho sai à porta
E olha o céu prenhe de chuvas,
Joelhos dobrados no terreiro
Tocam o chão,
Um galo sobre a cerca ao fim do dia
Saúda o sol em fuga pela cercania,
No chiqueiro o tilintar de cabras,
O mugir de vacas amojadas,
A mata que se refez da seca,
Sinfonia de cor, de som, de cheiro,
Na oração comum dos seres sobre a terra.

Clara História

Pequenos gestos, um sorriso,
Marcas de ferro em minha mente,
Recebo-a nos braços, sem muito jeito,
Ao riso da enfermeira,
Um bebê, uma menina,
Assim a vejo desde então.
Insone, plena madrugada a me chamar,
Anos depois ao telefone, preocupada,
Hoje bela, correta, inteligente,
Um brinde à arte e à paixão,
Orgulho de tanta gente,
Fico a pensar metido à besta
No pouco que me cabe
Nesta criação.

Chuva Vista da Janela

Plúmbeas vacas amojadas,
Ao relho de raios e trovões,
Saem pelos céus em disparada
Parindo suas crias liquefeitas.

Sinfonia no telhado em gorgolejos,
Ao compasso de chocalhos no curral,
Estalos, tinidos, borbotões,
Vida caindo dos beirais.

Espíritos à luz dos raios,
Empinados sobre estribos,
Cavalgam pelos campos,
Mandando o mundo acontecer:

Que seja chuva, carne, couro e grão.
Nesta terra de meu Deus,
Quando é tempo de chover,
É tempo de viver, é tempo bom.

Che

Quem é ele,
De feia cara à distância,
De perto fascinante?
Estranho cavaleiro...
De riso singular,
Nos olhos o fogo das paixões.
Não carrega mais as armas:
Fuzil, o livro, o facão.
Apenas o riso,
Mistério e sedução,
Guerreiro Mona Lisa.

A selva o recebeu
No grito triunfal das copas
Que se lançam aos ares,
Ilusão de quase liberdade.
Árvores generosas deitaram o tapete
No solo úmido,